

COLECCÃO
DE GUIAS DO
PATRIMÓNIO
CULTURAL DO CONCELHO
DE SANTO TIRSO

1

A IGREJA MATRIZ E O ANTIGO MOSTEIRO BENEDITINO DE SANTO TIRSO

Francisco Carvalho Correia



A IGREJA MATRIZ E O
ANTIGO MOSTEIRO BENEDITINO
DE SANTO TIRSO

Francisco Carvalho Correia



Coordenação: Álvaro Brito Moreira
Dir. Gráfica: Miguel Sousa Dias
Fotografia: Augusto Soares (Foto Iris)
Edição: Câmara Municipal de Santo Tirso
Museu Municipal Abade Pedrosa

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito Legal: 79467/94

I.S.B.N. 972-8180-02-0

Execução Gráfica: Simão Guimarães, Filhos, Lda. (Porto)

1. Pegadas de História...

- 978: primeira fundação do mosteiro de Santo Tirso por Unisco Godins, esposa de Aboazar Lovesendes, antepassados da família da Maia.

- 1090 (à volta): erecção de uma nova casa religiosa, ao tempo de Soeiro Mendes da Maia, o principal dos padroeiros (**herdeiro e, sobretudo, senhor e defensor do dito mosteiro**, diz-se no acto de concórdia, de 1101). Desta edificação foi o primeiro abade D. Gaudemiro, que recebeu a benção em Coimbra, das mãos de D. Crescónio, pastor desta igreja. Desde 1092 – ano da eleição de Gaudemiro –, seguirá o nosso convento a regra beneditina, segundo me parece.

- 1098: doação do Couto de Santo Tirso ao mosteiro, por Soeiro Mendes, que o recebera do Conde D. Henrique, um ano antes.

- 1211: a rainha Santa Mafalda concede aos beneditinos de Santo Tirso o Couto de S. João da Foz.

- No contexto das lutas com o seu meio irmão, D. Afonso II aloja-se em Santo Tirso.

- 1288: por duas vezes (5 e 14 de Julho), D. Dinis estadeou no mosteiro da nossa cidade.

- Século XIV (começos): edificação da terceira igreja monástica, devido à benemerência de Martim Gil, conde de Barcelos. Da memória desta igreja restam uns vestígios arqueológicos – aduelas, capitéis...–,

o primeiro claustro e como memória uma inscrição, gravada no séc. XVI, pelo famoso humanista D. Miguel da Silva, a recordar o gesto do benfeitor, colocada hoje no patamar, a meio das escadas de acesso ao coro-alto.

- 1383-1385: ao tempo da crise nacional, o abade de Santo Tirso **D. Vicente Rodrigues** tomou partido por D. João I de Portugal. O mosteiro tirsense foi ocupado por tropas castelhanas e partidárias. Deu-se uma batalha sangrenta no mosteiro. A comunidade monástica foi viver para o Porto, donde regressou antes de Outubro de 1385.

- 1385 (15 de Outubro): D. João I visita o convento de Santo Tirso.

- 1402: Martim Aires toma posse como primeiro abade comendatário. Os comendatários só vão acabar em 1588.

- 1409 (6, 7, 8 de Agosto): segunda visita de D. João I ao convento.

- 1455-1465: interregno no período dos comendatários. Chegou a ser nomeado para abade daqui o Card. D. Jaime, filho do Infante D. Pedro, que morreu em Florença (Itália).

- D. Afonso V confirma os privilégios do mosteiro de Santo Tirso.

- 1558: Chegada dos dois reformadores Frei Pedro de Chaves e Frei Plácida de Vila-Lobos. Lançam

a semente da renovação em Santo Tirso, do que surgirá a **Congregação**, sedeadada em Tibães.

- 1570-1590: governação dos priores trienais.
- 1590-1834: regime dos abades trienais.
- 1659-1679: período da construção da actual matriz que retoma da anterior o claustro íntegro. Esta igreja, do séc. XVII, ocupará a nave central e lateral esquerda da anterior. A antiga nave lateral direita ficou para acesso ao coro-alto e para salas de anexo da igreja actual.
- 1834: (30 de Maio): encerramento do mosteiro, pelo decreto de extinção das Ordens religiosas. Era, na altura, abade de Santo Tirso D. Joaquim de Santa Rosa, natural de Penafiel.
- Após a secularização, foi o mosteiro dividido em três partes: uma caiu nas mãos de um particular, outra foi reservada para repartições públicas (câmara, tribunal e administração do concelho), uma terceira parte para residência paroquial.
- Fevereiro de 1882: o então visconde de S. Bento adquiriu a cerca e a parte do mosteiro que pertencia, na altura, à família Passos. Tencionava fundar nesta secção uma escola, um hospital e um asilo. Concretizou aqui esta última ideia. Para a escola e hospital decide a construção de edifícios próprios.

• Pelos finais do séc. passado, o mosteiro é ocupado pela residência paroquial e pelo Asilo Agrícola

Conde de S. Bento. A Câmara continua no que foram as hospedarias conventuais.

- 1991: (18 de Maio): inauguração da igreja restaurada e renovada, após dois anos de trabalhos levados a efeito pela empresa Cari, de Guimarães.

2. A Igreja Actual de Santo Tirso

- Projecto da autoria de Frei João Turriano, filho de um arquitecto milanês, Leonardo Turriano. Frade beneditino, João Turriano foi autor do risco de várias construções religiosas e militares, no país, como as capelas-mores da Sé de Viseu e Leiria, mosteiro de Santa Clara-a-Nova, de Coimbra... Em Santo Tirso, desenharia uma planta que, para desgraça nossa, não teria sido executada com fidelidade inteira, salvo para a sacristia e capela-mor...

A nossa igreja é de cruz latina e de uma só nave, ao contrário da de 1300, que era de três naves.

2.1. A Fachada

Alçado de dois corpos.

No inferior, três portadas de arcos plenos, divididos por pilares, com pirâmides nos remates. No corpo de cima, três nichos, com as imagens do padroeiro do mosteiro – Santo Tirso, mártir da Bitínia –, ladeado de S. Bento e de Santa Escolástica, esculturas de 1722-1725, da escola de Frei Cipriano da Cruz, sobrepujados os nichos de três janelas. No alto, o frontão trian-

1. Imagem interior da igreja de Santo Tirso. A quarta igreja monástica (1679) apresenta diferenças em relação à anterior, do séc. XIV:

- A quarta é de uma só nave. A terceira tinha o corpo da igreja repartido por três naves.
- A de 1679 é mais estreita: ocupa a área correspondente à nave central e lateral do evangelho da anterior.
- A galilé, hoje, está inserida dentro da estrutura da igreja actual e é mais estreita. A da igreja trecentista era avançada, em relação à fachada da igreja, e alargava-se, dando até cobertura à porta de ingresso no claustro.

A sanefa monumental do arco cruzeiro é obra de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. O escudo beneditino de madeira, que a este monge pertence, encobre, porém, um brasão da Congregação, em pedra e mais antigo que o de Frei José.

1 Interior view of the church of Santo Tirso. The fourth monastic church (1679) showing differences in relation to the previous one of the 14th century.

This fourth church is of a single nave whereas the third church's body was partitioned by three naves.

This church of 1679 is narrower, occupying the area corresponding to the previous church's central and lateral nave.

Today the Galilee is inserted within the present church's structure and is of a narrower dimension. The third church's Galilee was forward in relation to its facade and widened, providing a roof over the door which accesses to the cloister.

The monumental valance of the crossing arch is by Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. The wooden Benedictine Coat of Arms, to whom this monk belonged, conceals a much older one of stone, of the Congregation.



gular, de enquadramento a um janelão arqueado e tripartido. No vértice do timpano, a data de 1679, que representará o termo da construção da igreja.

2.2. A Galilé

2.2.1. No interior, por cima da porta, à direita – agora recuperada e reaberta após a remoção de uma gruta de Lourdes que aí se instalou, em 1895 – três inscrições funerárias medievais:

- A de **Soeiro Mendes** que, segundo Mattoso, não é o **Bom**, mas o **Facha**. Morreu a 25 de Junho de 1176.

- A de **Paio Zapata**, falecido em 1163, meio irmão de Soeiro Mendes.

- A de **Elvira**, que Alão de Moraes interpretou como sendo filha de Soeiro Mendes da Maia. Era, antes, a esposa de Soeiro Mendes Facha e neta de Egas Moniz, o Aio.

2.2.2. **Porta de ingresso**, de madeira, da autoria de António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes, executada em cronologia que antecede o 2 de Setembro de 1704.

2.2.3. Depois da porta, o **guarda-vento**, de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, que o executou no triénio de 1777-1780. Frei José, como vamos ver, deixou dezenas e dezenas de marcas indeléveis do seu talento no nosso mosteiro, numa exibição de grande nível e plurifacetada: arquitecto, entalhador, imaginário.

2.3. A Nave

2.3.1. O **cadeiral do coro-baixo**: ao fundo da nave, peças do cadeiral do coro-baixo. São os componentes da ordem inferior, com um belo elemento decorativo, muito habitual nos trabalhos de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, autor do conjunto (1780-1783): as mísulas de pétalas.

2.3.2. **Altars colaterais**, de Frei José (1767-

1770), com excepção do último da esquerda, que é recente. São os melhores deste grande entalhador (R. Smith), com o pormenor original da ligação orgânica dos retábulos com os janelões que os rematam, através de poderosas volutas. "Nos altares laterais de Santo Tirso, a forma de uma consistência quase viscosa torna-se como que monstruosa", diz um notável crítico francês (G. Bazin).

Para a instalação destes altares, abriram-se dois arcos na parede e se altearam outros dois. Isto parece significar que ao menos dois dos retábulos de Frei José Vilaça viriam substituir dois outros mais antigos e de menores proporções...

Os altares vilacianos foram dourados no triénio de 1777-1780.

2.3.3. **Esculturas**. Entre as imagens, a notar do lado esquerdo, numa mísula situada entre os dois primeiros altares colaterais, a bela **imagem trecentista da Virgem**. É do séc. XIV esta imagem gótica de Nossa Senhora, com o Menino, numa cena encantadora de intimidade familiar. Há nela, por assim dizer, um contraste entre as formas somáticas rígidas e geométricas – na articulação do corpo sobre uma linha em ziguezague; na mão direita violentada por ângulo recto com o pulso – e a expressão da face, cheia de encanto e de espontaneidade. Infelizmente, sofreu os danos da mutilação na base, para ajustamento a lugar que não seria, originariamente, o seu.

No segundo altar, do lado da epístola, em nicho sobre a banquetta, uma **Sagrada Família**, do séc. XVIII,

2. Dois dos altares laterais da nave, do lado do evangelho, obra de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, do triénio de 1767-1770. Uma força de coesão, cuja expressividade maior se manifesta nas poderosas volutas que conjugam as janelas ao retábulo, dá ao conjunto o vigor e a sensação impressionante de uma indissolúvel unidade.

A meio dos dois, a imagem gótica da **Virgem com o Menino**, formosa escultura, que, só por si, justificará uma visita à igreja.

2. Two of the nave's collateral altars, on the Evangel side, are the work of Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, dating from 1767 to 1770. A cohesive force, whose expression is manifested most in the powerful volutes which fuse with the windows above the retable, gives the whole an impressive sense of an indissoluble unity. Between the altars is a Gothic image of the **Virgin with Child**, a fine piece of sculpture, which itself justifies a visit to the church.



peregrina: chapéu de grandes abas e bordões altos e delgados. Conjunto de notável encanto, alegria e simplicidade. São de 1720, aproximadamente.

São ainda dignas de atenção as esculturas de **Santo Amaro** (titular do segundo altar colateral, do la-

do do evangelho), a de **S. Rosendo** e de **Santa Gertrudes** (esta titular do primeiro altar do lado da epístola e aquele em nicho que o antecede). Embora Carlos de Passos as tenha, às três, do séc. XVII, uma, todavia, é da primeira parte do séc. XVIII. Concretamente, a de **S. Rosendo** data de triénio de 1722-1725 e foi colo-

cada, primeiro, na sacristia pelo abade D. Paulo da Assunção. R. Smith pensa que a Santa Gertrudes é obra de Fei Cipriano da Cruz, que morreu em 1716.

A imagem de **S. Sebastião** data de 1758-1761; a de **S. José**, com resplendor, figurou no Coristado, para onde se adquiriu no triénio de 1752-1755.

2.3.4. Os **púlpitos**, ambos de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça (1777-1780), com dossel rematado por esculturas: alegórica uma - a da Caridade no púlpito do lado da epístola - e a outra de S. Miguel, tudo do mesmo entalhador e imaginário. Estes dois púlpitos, porém, substituíram dois outros dos finais do séc. XVII, da autoria de António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes.

Destes dois púlpitos desaparecidos têm-se umas ideias: de que eram torneados e com aplicações de bronze. Iriam servir até de modelo aos projectados para o mosteiro de S. Bento da Vitória, no Porto, excepto na decoração.

2.3.5. As **grades de ferro**: tanto as baixas e longitudinais como a monumental e transversa (1773), coroada de crucifixo e tochas, são de Frei José. Eram as grades, originariamente, pintadas a ouro e verde. E representam a mais importante realização de ferro forjado desta época, em todo o norte de Portugal (R. Smith). O crucifixo e as seis tochas (de 1777-1780, quando se instalou a grade monumental), dão aos vazios papel de grande relevo na escultura. Uma das melhores obras de talha de Frei José (R. Smith).

De notar que, para divisória das duas comunidades - a monástica e a paroquial - havia, desde trás, uma parede de pedra, apeada entre 1686-1689. Logo de seguida, outra grade, esta de madeira, dos dois grandes mestres portuenses António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes: com duas portas, com friso decorado de maçanetas e pirâmides e um campanário. Fizeram-na antes de 2 de Setembro de 1704. Foi esta grade de madeira que cedeu, agora, o lugar à grade de ferro, de Frei José Vilaça.

2.3.6. O **sanefão**, no arco triunfal: de Frei José (1777-1780), ulteriormente simplificado pela mão do próprio monge-artista.

O conjunto de talha, emoldurando o braço beneditino, esconde um outro, gravado em pedra, que datará dos começos da segunda metade do séc. XVII.

2.4. O Transepto:

2.4.1. **Altars**, de feição barroca. Toros semi-circulares, apoiados nos entablamentos. Decoração vulgar, nos secs. XVII-XVIII: pânpanos, pombas, putti... Os altars serão dos finais do séc. XVII, salvo o da capela do Santíssimo.

2.4.2. A **sanefa** que emoldura o arco de ingresso na Capela da Piedade é de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça (1795-1798).

2.4.3. **Capela do Santíssimo**. O título originário era o da **Senhora da Piedade**, como os símbolos da

3. Primitivamente, o corpo da igreja, de 1679, tinha só dois altares. Em 1767-1770, estes foram reconstruídos nos moldes do Barroco, assoberrado e intumescido. Acrescentaram-lhes outros dois. A fotografia destaca o de **Santa Gertrudes**, com a preciosa imagem da titular, obra de Frei Cipriano da Cruz. O altar de Santa Gertrudes foi privilegiado *in perpetuum*, por Indulto Apostólico, segundo se deduz de uma portaria do Provisor do Porto, com a data de 16 de Maio de 1760.

3. Originally, the body of the church of 1679 had only two altars. In 1767-1770 they were rebuilt within Baroque patterns: haughty and intumescent. Two others were added. The photo shows the altar of **St. Gertrudes**, with the precious statue of the saint in the centre, the work of Frei Cipriano. The porter's lodge of the Purveyor of Oporto [dated May 16, 1760] leads us to infer that this altar was privileged *in perpetuum* by Apostolic Indult.



abóbada e as inscrições das cartelas, na talha das ilhargas – *Stabat mater dolorosa / juxta crucem lacrimosa*, à direita e à esquerda, respectivamente – o exígem. Logo, em vez do monumental cruxifixo que lá figurou até há pouco, dominaria o retábulo a bela imagem da *Pietà*, que se encontrava no altar, junto do anteparo

do transepto. Em boa hora, voltou esta ao seu altar, após o restauro.

Sabemos que a alteração se efectuou em 1795-1798. Nessa altura, ampliou-se o camarim – há vestígios *in loco* deste desenvolvimento –, pôs-se

um dossel e intronizou-se a imagem do **Santo Cristo**, de oito palmos (à volta de um metro e setenta). A imagem da Senhora, **a Pietà**, com seu Filho, embora do séc. XVIII – discordo de Reinaldo dos Santos que a faz da centúria precedente – não se figura na tragédia do sofrimento dilacerante, mas na contenção serena de uma austeridade clássica. **Imagem esplêndida**, garante aquele notável investigador da arte portuguesa.

O ingresso na capela era delimitado por uma balaustrada, dos finais do séc. XVII, talvez de António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes.

A talha é da primeira metade do séc. XVIII, embora com diferenças de estilo: o tecto, com decoração geométrica e simbólica; ilhargas e altar, com decoração naturalista.

O seu autor poderá ser o mestre entalhador de nomeada **Gabriel Rodrigues Álvares** (Smith), mestre entalhador de Handim.

Quanto a **representações pictóricas**, vejamos os quatro retratos dos evangelistas, datados (1727) e assinados (A.M.), no quadro de S. Marcos.

Imagens: para além da Senhora da Piedade, que já referimos, vejamos, no transepto, as esculturas de **Santa Rita**, de **S. João** e de **Nossa Senhora** com o Menino que foi adquirida, originariamente, para o Coristado, no triénio de 1752-1755. O **grande crucifixo**, instalado agora na face ocidental no topo sul do transepto, junto do anteparo, depois que deixou (1991) o camarim da Capela do Santíssimo, data do triénio de

1795-1798. Um **S. Cristovão** (do séc. XVIII), está hoje num dos altares colaterais.

2.4.4. **Orgão portátil:** recentemente restaurado, na Alemanha. Inaugurou-se em 7 de Julho de 1989. A caixa é de Frei José (1795-1798).

2.5. A Capela-mor:

Até 1780, foi tida – com certo exagero! – como a mais bonita de Portugal. Em 1780-1783, o abade D. José de Santa Maria Maior ordenou o caiamento da abóbada – o que iria ocultar o fresco da capela-mor, dos finais do séc. XVII, que agora se recuperou –, fez subir o altar – uns três degraus – e alteou o pavimento, com um estrado de madeira, e acesso de cinco degraus. Perdeu a Capela as feições elegantes da sua configuração inicial. Agora – e ainda bem! –, tudo voltou às proporções do começo, sobretudo pela recuperação do pavimento de pedra.

2.5.1. Dois tipos de **grades**, que figuravam e hoje não! As da comunhão, que os já mencionados artistas António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes executaram, antes de 2 de Setembro de 1704.

2.5.2. **Grades do presbitério** (duas). Aqui as houve também; e eram de António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes, como as anteriores. Um contrato com o mosteiro de S. Bento da Vitória, do Porto (1704) tomava estas grades de Santo Tirso como modelo.

4. Os primeiros púlpitos, dos finais do Séc. XVII, de António de Azevedo Fernandes e de Domingos Nunes, foram substituídos, em 1777-1780, por dois de que mostramos, na foto, o do lado do evangelho, coroado, no dossel, pela figura do arcanjo S. Miguel, que representará a força da Palavra de Deus, capaz de discernir!...

4. The firsts pulpits (end of 17th century), by António Azevedo Fernandes and Domingos Nunes, were replaced in 1777-1780 by two of these shown in the photo. One on the Evangel side, is crowned with a dossel, by the figure of the archangel Saint Michael, who represents the power of the word of God. capable of discerning!...



2.5.3 **Janelões**, com sanefas de Frei José, de rica decoração assimétrica (entre 1777-1780). Douradas no triénio de 1780-1783).

2.5.4. **Retábulo**: colunas torsas, entablamento e arcos igualmente torsos, com decoração naturalista

(pâmpanos, aves, putti...). Dos finais do séc. XVII. Foi dourado por Pascoal de Sousa, do Porto, no decurso do ano de 1700. A tribuna (banqueta, nicho do orago, camarim e maquina) de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça (trénios de 1780-1783 e 1789-1792, esta última cronologia para o nicho do padroeiro).

2.5.5. **Esculturas: Santo Tirso**, com o instrumento do seu martírio – a serra – que figurou num altar lateral. Para o altar-mor, viria o orago primeiro, em 1789, após os trabalhos de Frei José, na tribuna da capela-mor. A escultura do mártir é do séc. XVII.

É natural que Frei José, ao mudá-la, a acomodasse. Não sei do alcance desta tarefa. Sei que a escultura do padroeiro, no séc. XVII, não tinha o símbolo da **serra**, mas só o genérico do **palmito**.

Dos finais do séc. XVII são as imagens de **S. Bento** e de **Santa Escolástica**, duas esculturas que foram estofadas, em 1700, pelo dito Pascoal de Sousa. Serão as imagens obra de Frei Cipriano da Cruz? Há afinidades estilísticas – tratamento do vestuário, o recorte das mangas, a disposição dos pés... – que aproximam as imagens do génio do escultor. E, em 1698, um Frei Cipriano desenharia o forro do claustro do nosso mosteiro. **Castiçais**: seis, datados de 1770-1773.

2.5.6. **Fresco da abóbada**, dos finais do séc. XVII, inspira-se na azulejaria tipo-tapete.

2.5.7. **Painel da Senhora da Assunção**, dos finais do séc. XVIII. Substituiu nesta data, uma representação insculpida de igual mistério, dos finais do séc. XVII (possivelmente a que hoje está no claustro) e que o abade D. Manuel de Santa Teresa retirou (1789), para dar vez à escultura do orago principal, Santo Tirso. Esta pintura da Assunção nasceu das mãos de um bom artista. Mas, há anos, desfigurada por obra e menos jeito de um restaurador infeliz. Agora, foi sujeita a nova

recuperação, melhor que a anterior. Do altar da nossa matriz desapareceu um **Cristo Ressuscitado**, do séc. XVII. Julgo que figura, hoje, no retábulo – relicário, na Sacristia.

2.5.8. **Painéis laterais**, seis, com cenas da vida e martírio de Santo Tirso. Pinturas a óleo sobre tela, de grandes dimensões (6m,45x1m,80), sem merecimento de maior. Datam de 1789. Divididas pelo *trumeau*, com a parte superior ocupada por Anjos, que ostentam as insígnias do martírio. As cenas representam:

- A impugnação veemente de Santo Tirso contra a fé idolátrica do governador da Bitínia, Cobrício de nome, e contra o seu ódio aos cristãos;
- Ordem de Cobrício que manda se arranquem os olhos ao mártir;
- Dilaceramento do corpo do titular do mosteiro, com azorragues feitos de nervos de boi;
- A cura milagrosa das chagas do mártir, por um Anjo do céu;
- Baptismo do santo das mãos de Bias, bispo de Nicomédia;
- O corpo de Santo Tirso é serrado a meio, por ordem do governador Bando (mártir "intercísio"). Estas pinturas, como a tela da Assunção de Nossa Senhora, foram restauradas, ultimamente (1990-1991) pelo artista Armindo Roxo.

5. **O Desterro.** Os autores repartem-se na apreciação deste conjunto maravilhoso da escultura setecentista.

· **O título.** *Sagrada Família peregrina.* Assim lhe chamam uns. O povo e os documentos da cartório conhecem-na, porém, com o nome de *Jesus, Maria e José*, orago da Confraria do mesmo nome. Ou então, com o epíteto de **O Desterro**.

· **Data do conjunto.** Pelos documentos, sabe-se que este grupo escultórico, de madeira estofada, é de 1720, mais ou menos. Em exposições do passado figurou o conjunto com a cronologia genérica do séc. XVIII.

5. **The Exile.** The authors divide themselves in the appreciation of this marvellous 18th century sculpture:

· **The title.** *Pilgrimage of the Holy Family* as some call it. The populace and documents in the registry know it as *Jesus, Mary and Joseph* or with the epithet of *The Exile*.

· **Its date.** From the documents we know this sculpture to be from aprox. 1720. In the past while in exhibition it figured to be generically from the 18th century.



As molduras destes quadros da vida e martírio do nosso santo pertencem ao génio de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, que as executou no triénio de 1789-1792.

2.5.9. **Lâmpada**, encomendada pelo abade D. Manuel de Santa Teresa, nos finais do séc. XVIII.

2.5.10. **Cadeiral**, de duas ordens, da autoria de Frei José (1780-1783). Faltam, na obra, duas cadeiras prelatícias e vinte candeeiros, que desapareceram.

Os elementos da ordem inferior encontram-se, agora, divorciados dos demais, ao fundo da nave, como dito ficou.

3. A Ante-Sacristia

3.1. Um **lavabo** mandado fazer pelo abade D. João Tavares, natural de Santo Tirso. Data de 1673. De arco pleno, assenta sobre colunas de capitéis compósitos. Frontão entrecortado, para recolha, no seu interior, do brasão beneditino.

3.2. **Tecto apainelado**, de madeira, construído (1665) pelo abade D. Dâmaso da Silva.

3.3. **Duas telas**, muito degradadas, do séc. XVIII, de certo nível, que figuraram na face exterior da fachada da sacristia:

- a Anunciação;
- a Sagrada Família

3.4. Várias **sepulturas**, no chão - seis -, identificadas, de abades tirsenses e gerais. Da esquerda para a direita:

- D. António de Jesus Maria (1709);
- D. Frei Luis Baptista (1680);
- D. Frei Dâmaso da Silva (1672);
- D. Frei Roque da Conceição (1720);
- D. Frei José de Santa Maria (1715), em sepultura comum com o seu irmão Frei Paulo da Assunção (1753);
- D. Gregório da Madre de Deus (1722).

4. Sacristia

Bela, construída nos abaciados de D. Luis de Moura, D. Bento da Glória e de D. Dâmaso da Silva

(1661-1665). Foi a primeira peça da nova igreja a construir-se. Com abóbada de caixotões de pedra, sobre cornija de grande vulto.

4.1. **Pinturas**. Ao alto, uns oito quadros, de pouco valor, assinados por **Stella** e datados de 1672 e 1673. Foram restaurados, em 1991, por Armindo Roxo. Figuram os motivos que seguem:

- duas telas, que representam uma o **Ecce Homo**, outra a **Flagelação**;
- outras duas são retratos do Papa Sisto V e do Card. D. Henrique, que lançaram as bases da Congregação;
- Imaculada Conceição;
- S. Miguel;
- S. Bento (figurado na dupla tentativa de envenenamento pelos monges de Vicovaro).

Também do séc. XVII, mas de muito maior merecimento, a pintura sobre a porta de entrada, na sacristia, que representa a origem carismática da regra de S. Bento e os seus elogios por eminentes personalidades (Papais, reis, bispos...).

Havia ainda uma outra, melhor que todas, da oficina de Diogo Teixeira, uma **Adoração dos Pastores**, que, já há bastantes anos, se guarda na residência do Pároco.

4.2. **Inscrição camiliana**. À direita da entrada, insculpida no mármore com letras de ouro, uma oitava camiliana, em honra de S. Bento, que o grande romanista escreveu, a pedido do Padre Pedrosa, pároco de Santo Tirso, amigo íntimo de Camilo e personalidade vincada no campo da cultura.

6. **A grade de ferro**, cujo risco se deve a Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Construída em Lisboa, a partir de 1773. Servia para separar a comunidade monástica da comunidade secular. Era já a terceira divisória, depois de uma parede de pedra e uma grade de pau, esta da autoria de António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes. Um dos maiores tesouros da arte beneditina portuguesa (Robert Smith) a grade de ferro.

6. **The iron railing**, designed by Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Built in Lisbon after 1773. Its purpose was to separate the monastic community from the secular community. This is the third partition, replacing a wooden rail by António de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes and preceding this one, a stone wall. According to Robert Smith, the iron railing is one of the greatest treasures of Portuguese Benedictine art.



4.3. **Azulejaria**. No rodapé, azulejos de 1673, com representação de volutas entrelaçadas.

4.4. O **relicário**. Instalado num retábulo que ali, ao fundo da sacristia, se rasgou, no triénio de 1792-1795. Veja-se nele, especialmente uma **imagem-relicário**

de **S. Sebastião**, barroca; e um outro braço erecto sobre um livro, com duas mangas de prata, do séc. XVI (a interior) e do séc. XVII (a externa), dourada e gravada de ornatos. Talvez represente a famosa relíquia de Santo Tirso, que veio do Convento de Meinedo. Domina o retábulo a imagem de um

Cristo glorioso, dos finais do séc. XVII, que figurou no altar-mor.

4.5. **Credência**, de Frei José (1795-1798), barroca, mas já com o influxo decisivo do movimento neo-clássico.

4.6. **Objectos de ourivesaria**, pertencentes ao culto. Tem a igreja vários dignos de realce:

- uma custódia-cálix, do séc. XVII;
- uma bela cruz processional, de braços cilíndricos, rematados por capitéis. Também do séc. XVII. Da base esféroide pendem quatro campânulas.

5. O Coro-Alto

Ao sairmos da sacristia para o claustro, pouco depois do egresso, topamos, à direita, com a escadaria que nos levará ao Coro-alto. As duas paredes que delimitam o acesso marcam também a área da nave lateral direita da igreja trecentista.

5.1. A **escada**. De bom lançamento, foi construída, em 1745, pelo abade D. Frei Plácido S. Bento.

5.2. No patamar, à direita, a inscrição — para aqui retirada, no séc. XVIII vinda da capela-mor da penúltima matriz — de um dos maiores benfeitores do convento: a **memória fúnebre** de D. Martim Gil, conde de Barcelos, e de sua esposa D. Violante Sanches, redigida pelo abade comendatário de Santo Tirso, D. Miguel da Silva, em 1529.

5.3. O **distico elegíaco**. Ao cimo das escadas, o santo homónimo daquele que mandou rasgar a escadaria, S. Plácido. Escultura, mísula e baldaquino dos meados do séc. XVIII. Uma poesia latina, no rebordo da mísula que forma, com a dossel, um conjunto de cenografia teatral, diz:

Do alto desta escada, que é que tu, querido santo, nos aconselhas para o céu?

Tu nos avisas de que podemos lá chegar, subindo pelo caminho das virtudes.

5.4. **Portas de acesso**. As duas de António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes (anteriores a 1704).

5.5. As **sanefas**, ambas de Frei José (1795-1798).

5.6. No coro, **estante giratória**, da autoria de António de Azevedo Fernandes, grande mestre entalhador do Porto, que a fez antes de Novembro de 1697.

5.7. **Grades do coro, com o seu oratório**. Fizeram-nos o citado António de Azevedo Fernandes e outro grande mestre português, entalhador e imaginário, Domingos Nunes, os dois parceiros de bastantes obras já citadas, a propósito desta igreja. As grades e oratório executaram-se entre 1693 e 1694, ao tempo do abade D. Frei Gaspar dos Reis.

5.8. O **cadeiral**. Antes de 1704, fizeram-se as duras ordens de cadeiras. Talvez dos nossos conhecidos António de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes.

7. Vista de conjunto da **Capela da Misericórdia**. Há uma certa oposição entre a talha do tecto - de relevo mais superficial e mais abstracto - e a talha das ilhargas e do retábulo, de mais aprofundado recorte e de decoração mais naturalista. O duplo tratamento não significará diversidade de autores, como houve quem assim pensasse. Antes marcará a especificidade do papel da abóboda, destinado a ostentar profusamente a **simbologia** da Paixão.

7. View of the **Chapel of Mercy**. There is a certain antagonism between the carving on the ceiling - the relief more superficial and more abstract - and the carving on the sides of the retablo which are more deeply cut and more naturalistically decorated. The dual treatment doesn't necessarily suggest different authors as was believed but rather specifies the role of the vault to profusely ostentate the **symbolism** of the Passion of Christ.



Nos finais do séc. XVIII, Frei José de Santo António Ferreira Vilaça substituiu as espaldas primitivas pelas de hoje e construiu a elegante cadeira abacial, ao centro.

As pinturas historiografadas, sobre a vida de S. Bento e de Santa Escolástica, são dos finais do séc.

XVIII e pertencem ao movimento do Neoclassicismo.

Assim o nosso monge criou três tipos diferentes de cadeirais, em Santo Tirso:

- com espaldas entalhadas (no Coro-baixo);

- com espaldas pintadas (no Coro-alto);
- com espaldas formadas de painéis de azulejaria (na Sala do Capítulo, integrada no complexo da Escola Conde de S. Bento).

5.9. O **órgão**, de uma fase que vai ocupar nacos de dois triénios: 1761-1764 e 1764 -1767. Depois no triénio do abade D. José de Santa Rosa Vasconcelos (1795-1798), construiu-se o actual, mas com o reaproveitamento dos tubos do primeiro órgão. O construtor deste segundo realejo será ou Frei Domingos de S. José Varela (monge beneditino) ou Manuel de Sá Couto, discípulo daquele, chamado o *Lagoncinha* que nasceu em território que pertenceu à paróquia medieva de S. Bartolomeu de Evosa ou da Lagoncinha, posteriormente incorporada na de Santo Tirso.

Na base do órgão, a carranca, que, ao funcionamento do realejo, deitava a língua de fora e expelia um som cavo e temeroso.

6. Claustro

6.1. As **galerias**. Dos começos do séc. XIV (?), o claustro representa a parte mais importante que sobrevive da penúltima matriz. De tecto apainelado: este, risco de Frei Cipriano – que, julgo será o grande imaginário Frei Cipriano da Cruz –, executado pelo mestre de Landim Domingos Roiz Álvares (1698). O pavimento encontra-se lajeado de sepulturas. Cada galeria mede 28,50 x 3,20 m.

Por cima de um estilóbato de um metro de altura, erguem-se 124 colunelos geminados. Sobre os capitéis

– com variada decoração geométrica (os colchetes góticos sobressaem), zoomórfica, antropomórfica e fantástica (quimeras), muitas vezes de motivos afrontados – levantam-se arcos de ogiva. A rematar os arcos e da parte do exterior, uma cachorrada borgonhesa.

O **piso superior** – do séc. XVII (1690, mais ou menos), e modificado na segunda parte do séc. XIX – cobriu de pesadelo o simpático claustro da nossa matriz.

6.2. **Guarda-vento**. Do claustro para a igreja, um outro anteparo. Mais simples que aquele que dá passagem da galilé para o corpo da igreja. Este é obra ainda de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça (1795-1798), e testemunha bem tendência última do monge para uma arte mais geométrica e de maior simplificação.

6.3. **Esculturas**. Das quatro que, porventura, ornamentavam os ângulos do claustro, sobrevivem duas:

- Uma Virgem românica, bem rude de si;
- No ângulo do NE, a escultura de um Papa (S. Gregório Magno, com tiara, cruz papal e luvas), numa representação do séc. XVII.

6.4. **Epigrafia**. Sobre a parede leste do claustro, as seguintes legendas:

- uma inscrição romana, votiva, em honra de um deus celta, Turiaco de nome. O dedicante um militar da VI legião romana, Lúcio Valério Silvano. Facto de gran-

8. À direita **Senhora da Misericórdia**. É uma esplêndida imagem [Reinaldo dos Santos] Padroeira original do retábulo da Capela do Santíssimo.

Ao contrário de Reinaldo dos Santos - que a fazia dos finais do séc. XVII penso que a imagem da **Pietà** deve ser de 1727, da altura da talha. Antes, houve aqui um altar, com a **Senhora da Soledade** e o **Senhor dos Passos**, retirados, por 1727, para a Capela dos Passos.

De 1727 até 1795, aqui esteve a **Pietà**. Em 1795 cedeu o posto ao Senhor Santa Cristo, que, por sua vez, em 1991, abandonaria o lugar à **Senhora da Misericórdia**.

8. Right **Our Lady of Mercy**. A splendid image according to Reinaldo dos Santos. Original patron of the retable in the Chapel of the Most Holy (Capela do Santíssimo). Contrary to Reinaldo dos Santos's opinion, who dates the image to the end of the 17th century, I believe this statue of the **Pietà** to be from 1727, from the period of the carving. There was once an altar here with images of **Our Lady of Solitude** and of **The Passion of Christ** but were retrieved in 1727 to the **Chapel of The Passion of Christ**. The **Pietà** was here from 1727 to 1795. Then in 1795 it gave way to an image of the Holy Christ which in turn abandoned the place for **Our Lady of Mercy**.



À esquerda: Nas Ilhargas, figuram belos painéis pintados, assinados com o monograma A.M. A sua datação de 1727 permitir-nos-á também datar a talha e a escultura da **Pietà**.

Left: On the sides, beautiful painted panels, signed with the initials A.M. These are dated 1727 which allows us to date the carving and the sculpture of the **Pietà**.

de interesse para o povoamento bi-milenário da região, onde se ergue a nossa matriz.

- Uma inscrição funerária e medieva, a de D. Urraca Vasques, que morre a 27 (?) de Maio de 1219.
- Outra inscrição também funerária e medieva, mas em verso clássico (hexâmetros), para túmulo duplo: de Alda Vasques – dos de Soverosa – e de Urraca Ermiges, dos de Riba-Douro, segundo Mattoso.

6.5. O **altar da Senhora da Assunção**. Relevo do séc. XVII, dos finais, que Pascoal de Sousa, por contracto celebrado a 29 de Novembro de 1699, estofoou e dourou. Esteve na igreja, no altar-mor, no sítio do painel pintado deste título. Depois (1789), saiu para a escada que da varanda desce para a horta. Mais tarde – já depois da extinção das ordens religiosas (1834) – veio para este sítio do claustro, junto do ângulo do SE. O altar foi custeado pelo visconde de S. Bento e inaugurado a 17 de Julho de 1881.

6.6. O **túmulo de Martim Aires**, na galeria ocidental da crasta. Foi Martim Aires abade comendatário de Santo Tirso (1402-1431). A arca fúnebre, gótica, ostenta o seu brasão de fidalgo galego – duas vieiras e três saquitéis (?), em sautor – e a data da sua morte (27 de Abril de 1434).

6.7. As **pinturas**. Hoje, já cá não figuram. Mas houve-as! Em 1789, o abade Manuel de Santa Teresa mandou pintar, para o Salão das Justiças, situado onde, agora, é a rua de S. Bento, os retratos dos gran-

des nomes ligados ao mosteiro de Santo Tirso: S. Geraldo, D. Afonso II, D. Sebastião, Card. D. Henrique, D. Gaudemiro, Soeiro Mendes, o Bom, e o Conde D. Henrique. Depois de 1834, vieram para o claustro, onde figuraram até há pouco. Cá esteve também, em exposição ao público o retrato do abade comendatário de Santo Tirso, D. Miguel da Silva. Recolheram-nos, entretanto, em más condições, numa dependência do claustro. Agora, se retiraram do anexo, para hipótese de virem a ser restaurados.

De três, subsiste tão só a moldura! No conjunto, topam-se alguns dos que o referido abade mandou pintar, mais outros que não se viam elencados. Agora podemos observar:

- Rui Martins de Numães que, aos começos do séc. XIV (1305), doou a igreja de Silva Escura ao mosteiro;
- Soeiro Mendes da Maia e o Conde D. Henrique, numa só tela e no acto de concessão das duas cartas de couto;
- D. Gaudemiro, abade deste mosteiro, no acto da aceitação da terra privilegiada (*robore et confirmo*);
- D. Martim Gil de Sousa, de cuja alta benemerência restam testemunhas de ordem vária;
- D. Constança Gil, tia de D. Martim Gil de Sousa, que doou a Santo Tirso numerosas propriedades em Lordelo (Panoias, Vila Real), em Avintes e Soalhães;

9. Fresco da abóboda da capela-mor. O motivo central inspira-se na azulejaria do tipo tapete, do séc. XVII. Acabada a obra de arquitectura da igreja, em 1679, logo se pintaria esta abóboda. Em 1780, porém, o abade D. José de Santa Maria Maior barroua de cal. Nas obras de restauro - entre 1989-1991 - foi recuperado o motivo seiscentista.

9. Fresco on the vault in the Chancel The central motif was inspired from rug-type tiling, from the 17th century. As soon as the architectural work of the church was completed (1679), painting of the vault began. But in 1780, the abbot D. José de Santa Maria Maior whitewashed it. During the restoration work done from 1989 to 1991, the 16th century fresco was recovered.



- D. Maria Aires, a amante de D. Sancho I, que deixou aos frades a igreja de Silvares e outros mais bens de vulto e aqui veio a ser sepultada;

- A Rainha Santa Mafalda, que doou o couro da Foz e possuía muitos bens em Santo Tirso.

6.8. O **Chafariz**, numa base de dois degraus, ao centro do claustro. O tanque constitui-se de uma cruz enquadada. No pilar, duas taças sobrepostas – de maior diâmetro a inferior –, com abundante decoração fitomórfica.

Duas cartelas com diferentes datações, nas faces do tanque: 1861 e 1646. A primeira é, com certeza,

marco de obras de reparação. E a do séc. XVII? É sem dúvida, a data da construção. A *Benedictina Lusitana*, cujo segundo volume se publicou em 1651, descreve o nosso chafariz, nessa data, como recente.

Em 1862, o chafariz saiu para a freguesia de Palmeira. E, em 1893, no seu lugar, ergueu-se o mausoléu do Conde de S. Bento. No segundo quartel deste século, o túmulo do Conde foi para o Cemitério Municipal, no Montinho. O chafariz pôde regressar de Palmeira ao centro do nosso claustro.

7. A Porta Branca

- A **fachada**. A porta de um barroco denso e túrgido. Colunas assentes em altos plintos; entablamen-

to de grande volume e ressaltos; braço dos monges bentos, de granito, emoldurado de uma cartela, onde indisciplinadamente, se torcem e se verrugam concheados. Grandes volutas ornamentais concorrem, lado a lado, com as colunas, pela banda de interior.

O andar nobre é de barroco mais contido, até porque às massas e aos volumes se substituem, agora, os vazios: os tímpanos das janelas vão delimitar superfícies, que não passam de vãos... Logo, mais que o volume e a densidade, contam a linha e o recorte, grácil, subtil, caprichoso. Dá a sensação de leveza, em contraste com o andar térreo, de assoberbada arrogância e de obsessiva adiposidade.

8. O Terreiro

- **Cruzeiro.** Pertence à igreja o espaço confinante, pelo lado do Poente. Domina-o um cruzeiro, de pedra. Com um supedâneo de cinco degraus – todos de rebordo, afora o primeiro –, sobre que assenta um plinto, cujas faces se emolduram de cartelas, o cruzeiro é constituído, essencialmente, por uma coluna lisa – excepção feita para o terço inferior, com decoração geométrica de diamantes e olivas –, que remata num capitel compósito. Acima do capitel, uma cruz, a dominar o orbe que a esfera, na base, prefigura.

É toda de granito. Mas, pelos finais do séc. XVIII, um abade – D. Manuel de Santa Teresa, eleito em 1789 – mandou-o pintar, num colorido róseo, que deu nascença à fama de que era de mármore... O mesmo fez com as esculturas da fachada, na matriz, que também pintou!

II. O MOSTEIRO

1. Um pouco de história

1.1. Desde os começos que a residência monástica tinha as suas overças. Os gastos incidiram, pois, umas vezes sobre obras de conjunto, outras sobre alguns serviços, em particular.

Grandes estragos sofreria o mosteiro pelos finais do séc. XIV. O abade D. Vicente Rodrigues e seu convento, na crise de 1385, puseram-se decididamente ao lado do Mestre de Avis. O mosteiro foi militarmente ocupado e os monges fugiram para o Porto. Só depois que as tropas fiéis ao Mestre desalojaram os ocupantes é que os frades bentos reentraram em Santo Tirso. Pelo menos já em Outubro de 1385.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, grandes obras se fizeram e que foram dilatando, pouco a pouco, a residência conventual, concentrando-a, progressivamente, ao longo de três claustros completos e mais um quarto meio feito. Assim era, na verdade, o convento de Santo Tirso, quando os frades o abandonaram, definitivamente, em 26 de Março de 1384.

1.2. Em 1839 e 1842, foi o mosteiro vendido ao Comendador José Pinto Soares, cunhado do Ministro Passos Manuel. A casa não foi inteiramente à hasta pública. Primeiro, foi repartida em três partes:

- Uma parte reservou-se para **assento paroquial**: igreja, primeiro claustro e - para residência do abade – a ala ao cimo das escadas que dão para o Coro.

10. O **relicário da sacristia**. Talha do séc. XVII (a parte superior do retábulo) e do século XVIII (a parte inferior, sobre a banqueta). Ao alto, o **Divino Salvador** que figurou no altar-mor da matriz. Inicialmente.

De notar entre as reliquias as que seguem: um **ostensório radiante** do séc. XVI, de prata, com reliquias de S. Bento (talvez, a que ofereceu ao mosteiro a Infanta D. Maria) e de Santa Joana de Aveiro. Um **braço de prata**, com manga dupla, possivelmente o **braço de Santo Tirso** que o mosteiro de Meineda ofereceu ao nosso.

10. **The Sacristy Reliquary**. Carving is from the 17th century (top portion of the retable) and 18th century (lower portion, above the altar). High above is an image of the **Divine Saviour** which initially figured on the main altar of the church.

Note-worthy relics are: a **radiant silver ostensory** from the 16th century with relics of Saint Benedict (perhaps the one which was offered to the monastery by Infanta D. Maria) and of Saint Joan of Aveiro. A **silver arm**, with a double sleeve, possibly the arm of Saint Tirso which the monastery of Meineda offered ours.



- Outra, para **repartições públicas** (Administração, Tribunal e Câmara): a hospedaria conventual, que delimita o Terreiro (hoje, largo Abade Pedrosa), pela banda sul.

- A terceira parte, para **alienação**: o segundo e terceiro claustro e suas galerias, salão por cima da Porta Branca, o corredor paralelo às hospedarias, a Porta Vermelha e seu passadiço, a escada monumental que sai de uma antecâmara sita à esquerda de quem entra na Porta Vermelha...

Foi exactamente esta terceira parte que, em 1842, o Comendador Pinto Soares, por processos menos lícitos, arrematou em hasta pública.

1.3. Entretanto, por escritura de 21 de Fevereiro de 1894, feita por José Luis de Andrade – herdeiro e testamentário do Conde de S. Bento que, em 1882, comprara o convento aos herdeiros de José Pinto Soares –, o Salão sobre a **Porta Branca**, com sacadas viradas ao Terreiro, ficaram também para a residência do pároco.

2. Descrição

2.1. Entra-se na residência conventual pela chamada **Porta Vermelha**, do séc. XVIII. Os recortes ondulares mais delimitam superfícies que intumescem volumes. Os seus perfis caprichosos desconvocaram o tratamento especial da profundidade. Ao contrário de que aconteceria com a outra quase contígua e em ângulo recto com esta Porta Vermelha: a **Porta Branca**. Aligeirada do volume e da sobrecarga de elementos anexos, a **Porta Vermelha** receberá ainda maior sensação de leveza no vazio ovalóide inscrito no interior do frontão.

2.2. Entrando pela Porta Vermelha, encontrará o visitante à esquerda, uma porta. Entre. Verá uma antecâmara donde parte, em lanços bem rasgados, uma ampla escadaria. A partir de 1842, foi do Comendador José Pinto Soares e herdeiros. Depois – de 1882 a 1894 –, de quem lhes comprou o mosteiro, o Conde de S. Bento. Entretanto, a meio do séc. XIX, ergueu o cunhado de Passos Manuel um muro que a vedaria ao

acesso público pelo átrio da **Porta Branca**. A partir de 1894, porém, é de serventia paroquial.

Ao fim do primeiro lanço, um patamar, com uma bela fonte do séc. XVII.

Já a descreveu Frei Leão de S. Tomás, em 1651. É a chamada **Fonte do Pelicano**: Tanque semi-circular, de face de gomos e de perfil serpentina.

Sobre a taça, com decoração de folhagem de acanto, um pelicano, de cujo peito brotava a água. Segura a taça uma figura fantástica e híbrida de atlante: um tritão, de duas caudas divergentes.

2.3. Descendo a escada e voltando ao exterior, caminhe pela avenida, na direcção do oriente. Logo adiante, entre no interior do edifício, por estreito corredor, desça um lanço de escadaria, até ao coração da segunda crasta.

No séc. XV, mais concretamente em 1437, as edificações envolventes, ao menos em parte, serviam de dormitório aos monges. Estava arruinado. Bem como a biblioteca. No séc. XVII, porém, a meio, já estava reconstruído todo o perímetro da crasta. A ala do poente e do sul foram-no entre 1590 e 1650. Só se mantem originária a ala do poente. A do sul foi demolida, em fins do séc. XVIII, para a **fundamentis** se erguer no seu posto – mas já sem a galeria – a **Sala Capitular**. O corpo oriental estava em construção em 1650. A ala norte é de cronologia que pode preceder a listagem dos abades trienais (última parte do séc. XVI). Mas foi, desde as bases – agora, também sem galeria, como a

11. O claustro, o primeiro será do tempo do abade D. Martin Pires (1292-1329). Ao lado de capitéis góticos (com motivos geométricos e fitológicos), há outros que denotam influências do românico. Sobre-tudo, os que representam motivos zoomórficos e antropomórficos.

O chafariz, ao centro. Por causa da legislação de Costa Cabral que proibia o enterramento nas igrejas, o interior da crasta foi utilizado para inumação. Com duas nefastas consequências:

- . A venda do chafariz (1863), para ampliação da área de tumulação;
- . E o arruinamento do claustro, que nos finais do séc. XIX, houve de ser restaurado, sob a responsabilidade do prof. Fernando Pires de Lima.

11. The cloister, the first cloister was probably from the time of D. Martin Pires (1292-1329). Next to Gothic capitals (with geometric and phytological motifs) are other denoting Romanic influences but above all, those which represent zoomorphic and anthropomorphic motifs.

The Fountain, in the centre. Because of legislation by Costa Cabral which prohibited burials in churches, the interior of the cloister was used for inumation with two baneful consequences:

- . The selling of the fountain (1863) in order to extend the area for tombs
- . The ruining of the cloister, which at the end of the 19th century was restored under the responsibility of Prof. Fernando Pires de Lima.



ala oposta –, refeita nos moldes do barroco, entre 1767 e 1773, para **Livraria conventual**, tendo em baixo a fábrica da cera e o cartório do mosteiro.

O segundo claustro, com galeria ininterrupta, estava pronto por 1658.

Logo de seguida (1659), começaria a construção da última – e actual – igreja monástica.

Fixemo-nos nesta área.

2.3.1. Na ala norte, a **Livraria**. É autor do risco do actual corpo Frei José de Santo António Ferreira

Vilaça. Edificou-o no triénio de 1767-1770 e acabou-o no triénio seguinte (1770-1773). No rés-do-chão, interessa observar o espaço interior. Foi, ao tempo dos frades, **cartório e fábrica de cera**. Hoje, é o refeitório da Escola Agrícola. Uma possante cobertura de arestas e de arcos abatidos, reparte-se por três tramos. Repousa o conjunto por sobre pilastras de granito.

No andar nobre, quatro portas de bandeiras coleantes, com enquadramentos dotados de escudetes e de gotas. Influência de André Soares sobre o nosso Frei José. As sacadas de ferro apoiam-se sobre consolas de matriz renascentista e de tradição minhota.

A porta da entrada – a que se acede por longo corredor, ao primeiro andar – exhibe dintel e remate acentuadamente formalista, barrocos, onde também se descortina o influxo de André Soares por sobre o nosso monge arquitecto.

O espaço interior é dominado por uma falsa abóbada, de castanho, de recorte singelo, com ausência quase total de pormenores decorativos.

É, hoje, o Salão de Estudo da Escola Agrícola.

2.3.2. Da parte oposta, a sul, a **Sala do Capítulo**. É planta do mesmo Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Edificou-a no triénio de 1780-1783. E, em confronto com a Livraria, manifesta a evolução dos gostos do nosso monge para uma estética cada vez mais depurada e linear, o Neo-classicismo. A decoração da Sala do Capítulo far-se-ia logo de imediato, no triénio de 1783-1786.

A **porta** – a ela se acede de uma escadaria exterior até ao segundo piso, e deste, pelo mesmo corre-

dor que leva à porta da Livraria – mede 4x2,20m, Arco abatido e singelo. O frontão apesar da complexidade de elementos sobrepostos e avançados, constituiu-se de linhas direitas e rectilíneas. As portas de madeira, de duas folhas, com almofadas abauladas, são do mesmo Frei José.

As janelas duplas, de enquadramento simples, de decoração contida, de recorte menos ondulante e de superfície mais chã que as portas simétricas da Livraria.

No interior pinturas polarizadas na vida oculta de Jesus e na temática josefina. Como os azulejos. O retábulo original, com uma pintura de S. José, desapareceu. Nas janelas não vasadas, quadros da Visitação, de S. João Baptista, de Santa Ana, de S. Joaquim. E, na sobreporta, a morte de S. José. Há quem veja nelas a mão artística de Teixeira Barreto.

Com certeza, o motivo de mais interesse, o **cadeiral com espaldas de azulejaria**. Os painéis cerâmicos, de orla recortada, são de fabrico lisboeta. Datarão de 1782.

Oito são historiados e representam passos da vida de S. José. Dois painéis, nas sobreportas, com representações carregadas de simbolismo e legendarizadas, indigam o Santo Patriarca e a Sua missão providente de **custos virginis** e de pai putativo de Jesus. Cercadura concheada e policroma emolduram os painéis historiados e emblemáticos.

A sala do rés-do-chão, do séc. XVIII e do mesmo Frei José, simétrica da do refeitório, foi estupidamente esquarterada pelo actual Conselho Directivo da Escola

12. À direita, o primeiro claustro, do mosteiro de Santo Tirso, que até 1834, tinha aliás três claustros completos e um quarto já muito avançado. O primeiro é do séc. XIV, ao tempo da prelazia de D. Martin Pires, abade que foi de 1292 a 1329. Belo conjunto, a condizer com a terceira igreja monástica, mais larga que a actual e que mereceu os elogios do geógrafo João de Barros, no séc. XVI, e de Frei Leão de S. Tomás, no séc. XVII.

12. Right, the first cloister of the monastery of Santo Tirso which in fact until 1834 had three complete cloisters and a fourth at a very advanced stage of construction. The first is from the 14th century, from before the time of D. Martin Pires, the abbot here from 1292 to 1329. A fine ensemble, matching the third monastic church which was wider than the present one and which deserved the praises of the geographer João de Barros in the 16th century and of Frei Leão de S. Tomás in the 17th century.



12. À esquerda, capitéis do claustro. Ao lado dos capitéis de feição geométrica, os de decoração naturalista. Todavia, nos fitológicos - como este -, há uma tendência acentuada para a estilização, o que faz do claustro de Santo Tirso um exemplar da exercitação de gostos múltiplos e variados.

12. Left, the capitals of the cloister. Next to capitals with geometric features are those with naturalistic decoration. Nevertheless, in the phytological ones such as these, there is an accentuated tendency for ornamentation which makes the cloister of Santo Tirso a fine example of multiple and varied tastes.

(1993). Sensaboria de ignorantes! Apesar do edifício ser monumento nacional...

2.4. Ao centro do claustro, o **tanque com chafariz**. Em 1651, já aí se encontrava. Sobre uma base octagonal de um degrau de focinho, um tanque do mesmo recorte geométrico. O chafariz compõe-se de duas partes: um pilar simples e, sobre ele, uma taça constituída de uma vaso caliciforme, de bojo ornamentado com motivos fitológicos. Cobre-a um graciosa cúpulo, exteriormente rematado por dois golfinhos, presos pelas caudas e pendentes sobre o rebordo.

2.5. Ao lado deste segundo claustro – na direcção sul –, uma **galeria**, o que resta de um claustro inteiro que se destruiu no espaço que vai desde a saída dos frades (1834) até aos finais do séc. XIX. Uma parte deste terceiro claustro foi levada e montada no edifício da Escola Primária que o Conde de S. Bento mandou erguer. Duas colunas estão na Casa da família Pinheiro Guimarães, no Parque D. Maria II.

2.6. Regressado ao Terreiro – ou Largo Abade Pedrosa –, frente à matriz, pode o visitante contemplar uma ala grande, apalaçada. Não era – como foi, muitas vezes, dito e repetido – o **Coristado**. Antes, as **Hospedarias conventuais**, para pessoas de grande respeitabilidade. Foi construída – parece – entre 1737-1740. Hoje, no andar nobre, está instalado o **Museu Abade Pedrosa**. De registo, na face para o Terreiro, a continuidade das portas do primeiro andar com as janelas que lhes correspondem no piso térreo, por meio de painéis de recorte serpentino. Mais trabalhadas as **janelas** do andar nobre que as do rés-do-chão, com

frontões vasadas e interrompidos, interior e exteriormente delimitados por linhas contracurvadas.

O topo ocidental é de grandiosa beleza decorativa. O frontão muito realçado ergue-se para o alto, num fôlego repetido de volutas, que disponibiliza área suficiente para um monumental braço da Ordem de S. Bento, de granito, dos meados do séc. XVIII. Em proporção com o ar que se respira no braço, a **janela trifoliácia**. Os vãos, de imaginativo recorte, unem-se à exuberância do enquadramento, pelo seu forte vigor impressionista. Simétrica, no lugar mesmo da porta tão simples, houve uma outra janela trifoliácia, igual de feições, que foi estupidamente destruída entre Dezembro de 1841 e Janeiro de 1842, a pedido do juiz de Direito da Comarca, o Dr. Tomás de Aquino Martins da Cruz...

2.7. As **Fontes do Terreiro**. Com o recuo da Quinta de Fora, que cedeu terreno para a construção dos Jardins Ribeiro de Miranda e acesso à ponte metálica, a **Fonte dos Cãezinhos** – como o povo, desde os começos deste século a apelida – acompanhou o retraimento. Depois de ladear, pelo norte, o Terreiro, onde ainda a conheceram Vilhena Barbosa e José Augusto Vieira, as **Fontes do Terreiro** – como ainda desta forma a conheciam, pelos finais do séc. XIX – mudaram uns cem metros mais para norte, em 1929.

Assente sobre uma planta em semi-círculo. Ao centro, o portão de entrada da Quinta de Fora. Dum e doutro lado, um tanque rectangular, arqueado, com a frontal e as faciais de bojo. O conjunto aposta na transição do **rocaille** para o Neoclassicismo. Data da

13. **Túmulo gótico** do abade commendatário de Santo Tirso, **Martim Aires**. Fidalgo galego, amigo pessoal de D. João I, a quem deve a prelação do nosso mosteiro, foi abade de Santo Tirso, desde 1402 a 1431. Morreu na Quinta de Almoães, Carreira (Vila Nova de Famalicão), a 27 de Abril de 1434, conforme se diz na arca tumular.

13. **Gothic tomb** of the commendatory abbot of Santo Tirso, **Martim Aires**, a noble from Galiza and personal friend of D. João I to whom we owe this monastery. He was abbot of Santo Tirso from 1402 to 1431. He died in the Quinta de Almoães (Vila Nova de Famalicão) on April 27th of the year 1434 according to the engraving on his tomb.



triénio do abade D. Manuel de Santa Teresa (1789-1792). Nas espaldas das duas tinhas, motivos da Ordem de S. Bento. No tanque da esquerda, avulta uma águia, sobrepujada de um castelo. Da sua porta, sobre fundo à imitação de regato, saía água que, pelo bico da ave referida, se punha à disposição do viandante.

No tanque da direita, um leão a empunhar um báculo, sob a cobertura de uma mitra. Das fauces do leão brota água. Notar que este símbolo do leão,

de tradição beneditina, vai dar origem ao brasão da nossa cidade...

E, dentro da Ordem, evocaria as origens da Congregação Portuguesa, aqui lançada por monges relacionados com **Léon**, Espanha.

Heraldicamente, pois, Santo Tirso filia-se na grande cidade espanhola... Mais um acerto para nova geminação!

14. Tímpano da igreja românica, de 1092. Era este o segundo templo conventual depois da fundação do mosteiro, em 978. Deste apenas se possui a referência literária da sua fundação, no acto de concórdia entre o mosteiro de Santo Tirso e o arcebispo de Braga S. Geraldo, a 8 de Outubro de 1101.

14. Tympanum from the Romanic church of 1092. This was the second conventual temple after the monastery's foundation in 978. Of this church, we have only literary testimony of its foundation, referred to in the act of concordance between the monastery and the archbishop of Braga, S. Geraldo, dated 8th October of the year 1101.



15. Em primeiro plano a **Estante de António de Azevedo Fernandes** que serviu de modelo à estante giratória de Santa Clara de Vila do Conde e a uma outra, destinada à igreja de S. Bento da Vitória. Atrás, um aspecto do cadeiral dos monges em que intervieram mãos de épocas diferentes. Sobre os janelões, sanefa de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça.

O coro desta igreja (1679) é maior do que a de igreja anterior, do séc. XIV. Ocupa a área do coro deste templo trecentista, mais a área, a nível superior, da antiga galilé.

15. In the forefront, a **book stand by António de Azevedo Fernandes** which served as a model for the revolving bookcase in Santa Clara of Vila do Conde and another, destined for the church of S. Bento da Vitória. In the background, a view of the monk's stalls with artistic work from various different periods. Above the windows, valances by Frei José de Santo António Ferreira Vilaça.

The choir of the present church (1679) is greater than that of the church which preceded it, from the 14th century. It occupies an area of this third church choir in addition to the old Galilee of the choir above.



16. **Órgão.** Do primeiro órgão, na igreja monástica de Santo Tirso, fala-se já no séc. XVI, a propósito da contenda entre a comunidade monástica e a paroquial, sobre a hipótese da extinção da igreja secular de Santa Maria Madalena. O que se vê na imagem é do séc. XVIII, dos seus finais, de atribuição alternativa, com uma das opções a favor de Manuel de Sá Couto, o **Lagoncinha**. Os tubos porém, serão de um órgão anterior.

16. **Organ.** The first organ this monastic church of Santo Tirso had, probably dated back to the 14th century. The organ in the photo on the left is from the end of the 18th century but its pipes were borrowed from a previous organ.

17. À direita a cadeira do abade, no Coro-alto. O cadeiral primitivo é dos finais do séc. XVII, de António de Azevedo Fernandes e de Domingos Nunes. Já constava das duas ordens de cadeiras. Nos fins do séc. XVIII, Frei José de Santo António Ferreira Vilaça substituiu os espaldares entalhados por painéis pintados - que representam cenas da vida de S. Bento e de Santa Escolástica, com enquadramento de talha - e construiu a bela e esguia cadeira do abade, num barroco mais aligeirado, de inspiração alemã.

17. Right the **abbot's stalls** in the Upper Choir. The original stalls are from the end of the 17th century by António de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes. It was already at the time of two rows. Towards the end of the 18th century, Frei José de Santo António Ferreira Vilaça substituted the carved backs of the stalls for painted panels - which represent scenes from the life of Saint Benedict and Saint Escolástica, framed in wood carvings - and which constituted this tall, slender abbot's chair in a lighter Baroque style of German inspiration.



18. Em baixo A grade do coro-alto e o nicho, ambas as coisas de pau preto com guarnições metálicas, obra dos mestres entalhadores portugueses Antônio de Azevedo Fernandes e Domingos Nunes, que as executaram entre 1693 e 1694. Um dos vários trabalhos de parceria destes dois mestres conceituados, na nossa matriz.

18. Below Railing of the upper choir and niche, both made of black wood with metal ornaments. A work by the Portuguese master carvers, executed between 1693 and 1694. One of the several works by the partnership of Antônio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes our church has.



19. Em cima A chamada **Porta Branca**, dos meados do séc. XVIII, dá acesso a uma antecâmara, que ocupa a área da antiga igreja paroquial de Santa Maria Madalena, desactivada em 28 de Setembro de 1579. A **Porta Branca**, intumescida nas três dimensões, em contraste com a **Porta Vermelha**, ao lado, em ângulo recto, ostenta como jóia preciosa, o brasão da Congregação beneditina apenso ao conjunto da arquitrave, friso e cornija, sob o poderoso balcão.

19. Upper The so-called **White Doorway** from the middle of the 18th century, gives access to an antechamber that occupies the area where the old church of Saint Magdalene once was and abolished on the 28th September of the year 1579. The **White Doorway**, tumified on all three dimensions is in contrast to the **Red Doorway** [next page] which holds, like a precious jewel, the coat of arms of the Benedictine congregation, appended to the architrave, the frame and cornice, over a powerful balcony.

20. Em baixo, a **Porta Vermelha** patenteava o acesso à Quinta de Dentro, enquanto a **Porta Branca**, ao lado, dava para o átrio do seu nome, donde as suas comunicações com o primeiro claustro e com o mosteiro. Ambas do séc. XVIII. Acentuadamente barroca a Porta Branca, face à Porta Vermelha. Junto desta foram assassinados pela população dois ajudantes de campo do Gen. Bernardino Freire de Andrade, aquando da segunda invasão francesa, não obstante os esforços dos religiosos para lhes salvar a vida.

20. Below, the **Red Doorway** leads the way to the Quinta de Dentro (interior grounds) whereas the **White Doorway**, next to it, leads to the atrium by the same name, accessing to the first cloister and to the monastery. Both are from the 18th century. The **White Doorway**, in comparison to the **Red Doorway**, is markedly Baroque. By the **Red Doorway**, during the second French invasion, two of Gen. Bernardino Freire de Andrade's soldiers were murdered by the people despite efforts by the monks to save their lives.



21. Em cima: **Porta da Sala do Capítulo**: mais nova - uns dez anos - que a Porta da Livraria conventual. Mais simples também aquela, a mostrar bem a evolução artística de Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, mais aberta agora à simplificação de gostos, imposta pelo aparecimento do Neoclassicismo.

21. Upper: **Doorway to the Chapter Hall**: more recent, by some ten years, than the convent's library door. Also, it is less elaborate, demonstrating Frei José de Santo António Ferreira Vilaça's artistic evolution towards simplicity, imposed somewhat by the appearance of neoclassicism.



22. Em cima **A Sala do Capítulo**, vista do interior. Uma inovação de Frei José: a substituição dos espaldares, de talha, ou emoldurados de pinturas, nos cadeirais, por painéis de azulejaria. Ao fundo, dois painéis cerâmicos nas sobreportas, com figurações não historiadas, ao contrário dos espaldares. Antes uma decoração carregada de simbolismo e legendarizada. Definem S. José - a temática dominante da Sala - e a sua missão providencial de **custos Virginis** e de pai putativo de Jesus.

22. Upper **The Chapter Hall**, interior view. An innovation by Frei José: the substitution of the back of the stalls which were wood carved and framed the paintings for the tiled panels. At the rear, two ceramic panels above the doors not related stories as the stall panels do but rather legendary and loaded with symbolism. They depict Saint Joseph, a theme dominant throughout the Hall, and his mission as Jesus's putative father.

23. Em baixo, **painel cerâmico da Sala do Capítulo**, que representa a Fuga para o Egipto. Azulejos, de fimbria recortada, com motivos rocaillle, todos centrados na vida oculta de Jesus, bíblica ou apócrifa, com destaque para a figura de S. José. Além dos motivos históricos, há também, na azulejaria da sala, os motivos simbólicos.

23. Below, detail of the **ceramic panel of the Chapter Hall** representing the Flight to Egypt. The tiles, with rocaillle motifs, all centre on the life of Jesus: biblical or apocryphal with emphasis on the figure of Saint Joseph. In addition to the story telling scenes there are other tiles with more symbolism throughout the hall.



FROM THE COLLECTION
OF GUIDES OF THE
CULTURAL HERITAGE OF
SANTO TIRSO...

GUIDE TO

THE MOTHER-CHURCH AND THE OLD BENEDICTINE MONASTERY OF SANTO TIRSO

Original text by F. Carvalho Correia

Translated by Mrs. Susan C. A. Araujo

Part I - The Mother Church

1. Historical Footsteps...

- 978: monastery of Santo Tirso first founded by Unisco Godins, wife of Aboazar Lovesendes, ancestors of the Maia family.

- 1090 (circa): erection of a new religious house, at the time of Soeiro Mendes da Maia, the prime patron (heir and above all, master and defender of the monastery as it is said in the Act of Concordance of 1101). Of this edifice, the first abbot was D.(Sir) Gaudemiro, who received his benediction in Coimbra from D. Crescônio, pastor of this church. It seems then, that since the year 1092, the year Gaudemiro was elected, the convent followed Benedictine rule.

- 1098: donation of the lands of Santo Tirso by Soeiro Mendes, who, in turn, had received them from Conde (Count) D. Henrique a year earlier.

- 1211: the Holy Queen, Santa Mafalda, grants the Benedictine monks the lands of S. João da Foz.

Because of conflicts with his brother, D. Afonso II takes up quarters in Santo Tirso.

- 1288: twice, (July 5th and 7th) D. Dinis stayed at the monastery of our city.

- 14th Century (beginning): construction of the third monastic church, due to the benefaction of Martin Gil, count of Barcelos. From this church, some archaeological remains exist, stone arches, capitals..., the first cloister and an inscription, engraved in the 16th century by the famous humanist D. Miguel da Silva, marking the benefactor, now placed on the landing of the stairs that lead to the high choir.

- 1383-1385: During a national crisis, the abbot of Santo Tirso D. **Vicente Rodrigues** sided with D. João I of

Portugal. The monastery at Santo Tirso was occupied by Castelian and partisan troops. There was a bloody battle at the monastery and its community retrieved and went to live in Oporto. They returned before October of the year 1385.

- 1385 (15th October): D. João visits the convent of Santo Tirso.

- 1402: Martim Aires is sworn in as commendatory abbot. Commendatory are only abolished in 1588.

- 1409 (August 6th, 7th, 8th) second visit of D. João to the convent.

- 1455-1465: interregnum in the period of the commendatory, Cardinal D. Jaime, son of Infante D. Pedro, who died in Florence (Italy), is nominated as Abbot.

- D. Afonso V confirms its (the monastery's) privileges and stays at the monastery.

- 1558: Arrival of the retired Frei Pedro from Chaves and Frei Plácido from Vila-Lobos. They plant the seed of renovation in Santo Tirso which leads to the Congregation, seated in Tibães.

- 1570-1590: governing (rule) by the priors (parish-priests)

- 1590-1834: regime is installed where abbots rule for a period of three years.

- 1659-1679: period of construction of the mother church, keeping the old Cloister in its entirety. This church, of the 17th century, occupied the centre and lateral parts of the old church's nave. The old nave's right side became the access to the high choir and to the adjoining rooms of the present church.

- 1834: (May 30th): closing of the monastery due to a decree banishing all religious orders. At the time, the abbot of Santo Tirso was D. Joaquim de Santa Rosa, a native of Penafiel.

- After this secularisation, the monastery was divided into parts – one part fell into the hands of a private individual and the remaining part was reserved for public sectors (such as for city hall, the courts and municipal administration).

- February of 1882: the viscount of S. Bento at the time, acquired the part of the monastery which belonged, at the time, to the Passos family and its surrounding fields. His intention was to create in this section, a school, a hospital and a home for the elderly. He managed to materialise the latter.

2. The Current Church of Santo Tirso

- The monastery was designed by Frei João Turriano, son of Leonardo Turriano, a Milan architect. A Benedictine monk himself, João Turriano was the author of various religious and military constructions in Portugal such as, the main chapels of the Sé (the Holy See) of Viseu and Leiria and the monastery of Santa Clara-a-Nova in Coimbra... In Santo Tirso, he designed a project for the monastery which, to our misfortune, was not executed faithfully except for the sacristy and the main chapel.

Our church has the shape of a Latin cross and has a single nave, contrary to the one of 1300 which had three.

2.1. The Facade

- A two-storey elevation
- At the bottom, there are three arched portals divided by pillars with pyramids on the ends. On the top portion are three niches with images of the monastery's patron, Santo Tirso, martyr of Bitúna, side by side with Saint Bento and Saint Escolástica. The statues, sculptured from 1722 to 1725 - from the school of Frei Cipriano da Cruz - superimpose the niches of the three windows. Higher above, the pediment is encased in a large, tri-partitioned, arched window. At the summit of the tympanum, the date 1679 is engraved, representing the year the church was completed.

2.2. The Galilee

Inside, above the doorway, on the right - now salvaged and reopened after the removal of a grotto in honour of Lourdes that was placed there in 1895 - are three funerary, medieval inscriptions.

Frei José, as we will see, left countless indelible marks of his talent on our monastery, exhibiting his multi-faceted grandeur as architect, as woodcarver and as visionary.

2.3. The Nave

- The choir stalls of the lower choir: At the top of the nave are parts of the choir stalls. These are components of the previous order, beautifully decorated with miniature petals, an element very common in Frei José's work (1780-1783).

- The collateral altars are by Frei José (1767-1770) with the exception of the last on the left, which is recent. These are the great carver's best work (R.Smith), with details from the original altar piece that connected it with the windows which crowned it through powerful volutes. "In the side altars of Santo Tirso, the form of an almost viscous consistency becomes as if monstrous", is how the distinguished French critic G. Bazin has described these details.

- To install these altars, two arches in the wall were open and another two were raised. This appears to show that at least two of the altar pieces from Frei José Vilaça came to substitute two other, older ones, of inferior size...

- A document, from the period 1764 to 1767 seems to suppose there existed four collateral altars since the purveyor at the time, D. Francisco de Santa Cecilia Lobo, ordered nine crucifixes...

The altars were painted gold from 1777 to 1780.

- Sculptures. Among the images, most notable is a

beautiful statue of the Virgin, placed on the left in a bracket between the first two collateral altars. It is of the 14th century and depicts Our Lady with the Child in a lovely intimate family scene. It has sharp contrasts between the physical rigidity and geometric lines - in the articulation of the body forming a zig zag line and in her right hand, placed at a sharp right angle at the wrist - and her facial expression, full of delight and spontaneity. Unfortunately it was subjected to mutilation at the base when it was placed elsewhere for a time.

On the second altar, on the Epistle side, in a niche with a shelf, there is a statue from the 18th century of the Holy Family and one of a pilgrim girl with a large hat. These two works are of extraordinary delight, charm and simplicity.

Also worthy of attention are the sculptures of Saint Amaro (titular of the second collateral altar, on the Gospel side) one of Saint Rosendo and one of Saint Gertrudes (this one being titular of the first altar on the Epistle side and the other in a niche that precedes it). Although Carlos Passos has dated them (all three to be of the 17th century, one, at least, is from the beginning of the 18th century, concretely, the image of Saint Rosendo which dates from 1722 to 1725 and was initially placed in the sacristy by the abbot D. Paulo da Assunção. R. Smith thinks that the statue of Saint Gertrudes is the work of Frei Cipriano da Cruz who died in 1716.

The image of Saint Sebastião dates from 1758 to 1761; the one of Saint José, was acquired from 1752 to 1755.

- The Pulpits are both by Frei José de Santo Antonio Ferreira Vilaça (1777- 1780), with a dossal. There are sculptures at each end of it, one of Caridade on the pulpit (on the Epistle side) and one of Saint Miguel. These are also by Frei José. These two pulpits substituted two others dating back to the end of the 17th century by Antonio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes.

Of the two vanished pulpits, we have some idea of how they were. They were spiralled with bronze appliques. They served as models to those planned for the monastery of S. Bento da Vitoria in Oporto, except in their decor.

- The iron railing: Both the lower and longitudinal as well as the monumental and transversal (1773), are crowned by a crucifix and torches. They too are by Frei José. This railing was originally painted gold and green. It represents the most important work done on forged iron from this period in northern Portugal (R. Smith). The crucifix and six torches (dating from 1777-1780 when the monumental railing was installed), have great emphasis because of the empty spaces surrounding it. This is certainly one of Frei José's best works (R. Smith).

It is note-worthy that a stone wall divided the two communities, the monastic and the parochial. It was thrown down between 1686 and 1689. Right after, another railing by two great Portuguese masters, Antonio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes was put up. It had two doors with a golden frieze and belfry. It was made before the 2nd of September of the year 1704. The iron rails that now exist (by Frei Vilaça) substituted this one.

- The Valance, on the arch of triumph: Also by Frei José (1777 - 1780), his original work was more elaborate and later was simplified by the master himself.

The carving, depicting the Benedictine coat of arms, hides another, engraved in stone which dates back to the beginning of the second half of the 18th century.

2.4. The Transept:

- The Altars (Baroque-style) have semi-circular tori, supported on entablatures. They are plainly decorated from the 18th century. The altars themselves are from the late 17th century except for the one in the Chapel of the Santissimo (Most Holy).

- The valance which frames the arch in the Chapel of Piedade (Mercy) is by Frei José de Santo Antonio Ferreira Vilaça (1795-1798).

- The Most Holy Chapel (Capela do Santissimo): The original title was that of Our Lady of Mercy as were the symbols of the vault and the inscription on the tablet "Stabat mater dolorosa / juxta crucem lacrimosa" - on the right and on the left accordingly. Up until recently, a monumental crucifix stood here. The retable (altarpiece) is now dominated by a beautiful Pietà. This statue had once stood here before but was temporarily replaced by the crucifix during its restoration.

- We know that there were alterations done here from 1795 to 1798. During this time, the private chamber of the chapel was extended (there are remains in loco of this work) and a dossal was put in. An image of Christ, about 1,60 m was introduced. The statue of the Pietà, although of the 18th century, (I disagree with Reinaldo dos Santos who has dated it from the preceding century) it depicts not the piercing tragedy and suffering of Our Lady and her son, but the serenity of an austere classic. Reinaldo dos Santos, a well-known investigator of Portuguese art has pronounced it a splendid image.

- The entrance of the chapel, delimited by a balustrade, is from the end of the century, perhaps the work of Antonio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes.

The carving is from the first half of the 18th century, although with differences in their style: the ceiling being symbolic with geometric shapes and the walls and altar, decorated in a naturalistic way.

It may be the work of the master engraver Gabriel Rodrigues Alvares (R. Smith).

Concerning the pictorial representations, notably the four portraits of the Evangelists, they are dated 1727 and signed A.M., notably on the one of Saint Mark.

- Statues: Apart from the one of Our Lady of Mercy, as already mentioned, in the transept there are also sculptures of Saint Rita, Saint John and Our Lady with the Christ Child which was originally acquired for the choir (1752 - 1755). The large crucifix which, for awhile replaced the Pietà (it was removed in 1991), has now been placed on the superior south west side of the transept (1795 - 1798).

S. Cristovão (from the 18th century) is now on one of the collateral altars.

- The Portable Organ: It was recently restored in Germany and inaugurated on the 7th July 1989. Some work on it is by Frei José.

2.5. The Main Chapel:

Until 1780, it was said to be (surely exaggerated!) the loveliest chapel in Portugal. In 1780-1783, the abbot D. José de Santa Maria Maior at the end of the 18th century, ordered the vault to be replaced which destroyed the fresco in the chapel wall (now restored). He also ordered alterations in the chapel's pavement by placing a wooden platform five steps high. The chapel lost the elegance it initially had. Today the pavement is once again of stone and the chapel resembles the original one.

- Two types of rails (which don't exist today): These are in area where Holy Communion is given and are by the already mentioned artists Antonio Azevedo and Domingos Nunes (before 2nd September 1704).

- The rails of the presbytery (two): These too also no longer exist. They had been the work of Antonio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes like those just mentioned. A contract agreed upon between this monastery and the monastery of S. Bento da Vitoria in Oporto (1704) allowed these rails to serve as a model for those in Oporto.

- The large windows: These have valances decorated in a naturalistic style with birds, vine leaves and putti. The columns, entablature and arches are spiralled and date from the end of the 17th century. They were painted gold by Pascoal de Sousa from Oporto during the year 1700. The tribune is by Frei José from 1780-1783 and in 1789-1792 work on the niche enclosing the patron saint was done.

- Sculptures: Santo Tirso (17th century) with the instrument used in his martyrdom, a saw, is placed on a collateral altar. In the beginning, Frei José altered this sculpture and initially hadn't put the patron saint holding the saw but with only a generic dwarf fan-palm leaf.

From the end of the 17th century the sculptures of S. Bento and Santa Escolastica emerged. These two sculptures were upholstered in 1700 by Pascoal de Sousa. Could these be the works of Frei Cipriano da Cruz? There are stylistic affinities that approximate the sculptor's style; such as the way the garments are placed, the sleeve border and the disposition of the feet. Also, in 1698, a so-called Frei Cipriano designed the ceiling of the monastery's cloister. There are six candlesticks from 1770 - 1773.

- The fresco in the vault was inspired by glazed tiles of a rug-style (end century).

- Panel of Our Lady of Assumption: Towards the end of the 18th century, this panel substituted an older one from the 17th century, possibly the one which is in the cloister today. The abbot, D. Manuel de Santa Teresa, withdrew it to give way to one of the patron saint of the church. This painting of the Assumption to heaven was created by a good artist but years ago, a poorly executed restoration disfigured it. It has now been subjected to a new restoration, better than the former one. A painting depicting a resurrected Christ (17th century) has disappeared from the church. It is thought that it is on the reliquary altarpiece in the sacristy.

- Lateral Panels: There are six, with scenes from Santo

Tirso's life and martyrdom. They are oil on canvas of large dimensions (6,45m X 1,8m) dating from 1789. Divided by the trumeau, the top part is decorated with angels which depict the insignia of the martyr. The scenes represent:

- The vehement impugment of Santo Tirso against the idolatry of Cobricio, the governor of Bitinia, and against his hatred of Christians.

- The order by Cobricio to pull the martyr's eyes out.

- The lacerating of Santo Tirso's body with a whip made from oxen's nerves.

- The miraculous cure of the martyr's wounds by an angel from heaven.

- The baptising of Santo Tirso by Bias, the bishop of Necomedia.

- The saint's body is sawed in half by order of the governor of Bando.

These paintings, as well as the panel of the Assumption of Our Lady, were recently restored (1990-1991) by Arminda Roxo.

The frames for these six paintings of the martyr's life are the work of Frei José de Santo Antonio Ferreira Vilaça from the period of 1789 to 1792.

- The lamp was ordered by the abbot D. Manuel de Santa Teresa at the end of the 18th century.

- The rows of chairs, of two orders, are by Frei José (1780-1783). Missing from this work are two prelate chairs and twenty lamps which have disappeared.

The elements from the previous order are now separated, and can be found at the end of the nave.

3. The Ante-Sacristy

- The lavabo (from 1673) was ordered by the abbot D. João Tavares, a Santo Tirso native. It is arched and supported columns of heterogeneous capitals. Engraved on the lavabo's

interior is the Benedictine's coat of arms.

- The wooden panelled ceiling is from 1665 by the abbot D. Damasco da Silva.

- There are two paintings, very decomposed, from the 18th century which represent 1) the Annunciation and 2) the Holy Family.

- There are several sepulchres on the ante-sacristy's stone floor. Six are of abbots from both Santo Tirso and from other areas. They are (from the left to the right) the tombs of:

- . D. Antonio de Jesus Maria (1709)
- . D. Frei Luis Baptista (1680)
- . D. Frei Dâmaso da Silva (1672)
- . D. Frei Roque da Conceição (1720)
- . D. Frei José de Santa Maria (1715), buried together with his brother Frei Paulo da Assunção (1753)
- . D. Gregório da Madre de Deus (1722)

4. The Sacristy

Beautiful...! Built during the abbacies of D. Luis de Moura, D. Bento da Glória and of D. Dâmaso da Silva (1661-1665). It was the first part of the new church to be built. The vault has a stone panelled ceiling over heavy, bulky cornices.

- Paintings: There are eight pictures of little artistic importance signed Stella and dated 1672 and 1673. These were restored by Armindo Roxo. The paintings represent:

- . Two paintings depict Christ's flagellation
- . Two others are portraits of popes related to the Order of Saint Bento
- . The Immaculate Conception
- . Saint Michael (S. Miguel)
- . Saint Bento (pictured being poisoned by the monks of Vicovaro)

Also from the 17th century but of greater worth than

these, are the paintings placed above the doorway to the entrance of the sacristy. These represent the charismatic foundations of the rule of Saint Bento and its compliments from eminent figures (Popes, kings, bishops).

There was still another, the best painting of all, by Diogo Teixeira (The Adoration of the Shepherds) which some years now has been kept in the residence of the parish-priest.

- At the entrance to the sacristy, on the right, is an inscription, engraved in marble with gold letters, dedicated in honour of Saint Bento. It was a request by Father Pedroso, the parish-priest of Santo Tirso at the time, to a well-known Portuguese novelist and cultural figure.

- The Tiles: On the foot panel (skirting-board) are tiles from 1673 painted with thick intertwining.

- The Reliquary: It is installed on a retable (altarpiece) built from 1792 to 1795 at the end of the sacristy. Note-worthy are: a relic image of Saint Sebastian (Baroque-style); an arm, a relic of Santo Tirso; another arm painted in gold, erect on a book, with two silver sleeves from the 16th century.

Also to be found in the reliquary is a famous relic of Saint Bento which was donated by Infanta D. Maria. Dominating the retable is an image of Christ from the end of the 17th century, placed on the main altar.

- The Credence: It is by Frei José (1795-1798) of Baroque style but with a pronounced neo-classic influence.

- Goldsmith's Art: The church has several note-worthy pieces:

- . a monstrance goblet (17th century)
- . a processional cross, with cylindrical arms and capitals on the ends

5. The Upper Choir

When we leave the sacristy towards the cloister, just after the exit, on the right, we come to a staircase which takes us to the high-choir. The two walls which bound the access to it also mark the nave's right lateral area.

- The Staircase: It was constructed in 1745 by Frei Plácido de S. Bento. On the landing, to the right is an inscription by one of the convent's greatest benefactors, D. Miguel da Silva (1529). It reads: "To the mournful memory of D. Martin Gil, count of Barcelos and his wife, D. Violante Sanches." At the top of the stairs is a statue of D. Plácido, who ordered the construction of the staircase. There is also a poem in Latin which reads:

"From atop of this staircase, what advice do you, dear saint, give us that will lead us to heaven?

You tell us that we may get there by way of the path of virtue."

The two doors that lead us to the staircase are by Antonio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes (before 1704). The valances are by Frei José (1795-1798). The high-choir has a rotating bookcase built by Antonio de Azevedo Fernandes from Oporto before November 1697.

The railing and its oratory are also by the two great carvers Antonio de Azevedo Fernandes and Domingos Nunes (before 1704). At the end of the 18th century, Frei José substituted the original backs of the chairs for those we see today. He also built an elegant abbatial chair in the centre.

- The historiographic paintings (end 18th century) depict the life of Saint Bento and Saint Escolastica. They belong to the neo-classic movement.

And so our monk created these different types of chairs in Santo Tirso:

- chairs with carved backs (Low-Choir)
- chairs with painted backs (High-Choir)

- chairs with backs formed by tiles (in the Sala do Capitulo, integrated in the complex which houses the Escola de Conde S. Bento.

- The Organ: (1761-1764 and 1764-1767). When the present organ was built, two pipes from the original organ were saved and used. The constructor of this second organ was Frei Domingos de S. José Varela, a Benedictine monk, and a disciple of his, Manuel da Sá Couto.

6. The Cloister

- The Galleries: Since the beginning of the 14th century (?), the cloister represents the most important part of the penultimate church that has survived. The panelled ceiling was designed by Frei Cipriano and executed by the great master Landim Domingos Roiz Álvares (1698). The pavement is covered with sepulchres. Each gallery measures 28,5m X 3,20m.

Over a one meter high stylobate rise 124 small columns occurring in pairs. The capitals on these, decorated in a geometric style, form an ogive (a pointed arch). Finishing off the arch on the outer part is a Burgundian corbel.

The top floor is from the 17th century (around 1690) but was modified during the second half of the 19th century.

- The wind screen: From the cloister to the church is a wind screen, simpler than the one which accesses the church porch but nevertheless noteworthy. The work on it is by Frei José de Santo Antonio Ferreira Vilaça (1795-1798) and is a witness to the monk's tendency for greater simplicity towards the end.

- Sculptures: Of the four that ornamented the angles of the cloister, only two have survived: (1) a Roman Virgin (quite crude in itself) and (2) a sculpture of a Pope on the NE angle. It is of S. Gregório Magno depicted with a tiara, papal cross and gloves (17th century).

- Epigraphy: On the east wall of the cloister we find the following inscriptions:

- (1) a Roman inscription, vowed in honour of the Celtic god, Turiaco. The dedicator of the inscription is Lúcio Valério Silvano, a Roman soldier from the VI Roman legion.

- (2) a medieval funerary inscription of the death of D. Urraca Vasques on the 27th May of the year 1219.

- (3) a second medieval funerary inscription of Alda Vasques, who died on the 11th February 1272 (from the Caesarean era).

- (4) the last inscription, yet another medieval funerary one, but in classic verse (hexameters) is for the double tomb of Alda Vasques and Urraca Vasques.

- The altar of Our Lady of Assumption: The altar has a relief by Pascoal de Sousa from the end of the 17th century. It had once been placed on the main altar of the church, where a painted panel is now. Then, in 1789 it was placed on the stairway of the balcony. Later still, after the extinction of all religious orders in 1834, it was once again moved, this time to where it is now, on the SE angle of the cloister. The altar was paid for by the Viscount of S. Bento and inaugurated on the 17th July 1881.

- The tomb of Martin Aires, in the west gallery of the cloister: Martin Aires was the commendatory abbot of Santo Tirso from 1402 to 1431. The Gothic funerary coffer displays a coat of arms typical of Gallician (from Galiza, in northern Spain) nobles with two scallop shells and three satchels (?) in a figure resembling St. Andrew's cross. It has the date of his death; 27th April 1443.

- The Paintings: These have disappeared from here but they once graced the cloister where they remained until recently. In 1789, the abbot Manuel de Santa Teresa, ordered the portraits of all the great names related to the monastery of Santo Tirso to be painted. These were S. Geraldo, D. Afonso II, D. Sebastião, Cardinal D. Henrique, D. Gaudemiro, Soeiro Mendes and Count D. Henrique. Here too, in public exhibition, was the portrait of the commendatory abbot of Santo Tirso, D. Miguel da Silva. These portraits lined the walls

of the cloister. With time all of these paintings became greatly deteriorated and were harboured in an outbuilding (annex) of the cloister. They have now been removed from there in the hope of being restored.

Three of the portraits ordered by the abbot in 1789 were so deteriorated that not even the frame remains. But all in all, although some are lost forever others are recoupable. These are of:

- Rui Martins, who donated the church of Silva Escura to the monastery.

- Soeiro Mendes da Maia and Count D. Henrique (painted on a single canvas) depicted in the act of donating the lands to the monastery.

- D. Gaudemiro (abbot of the monastery) accepting the privileged lands (*robora et confrimo*).

- D. Martin Gil de Sousa whose great benefaction is apparent in various ways

- D. Constança Gil, an aunt of D. Martin Gil de Sousa who donated to Santo Tirso various properties in Lordelo (Panoias, Vila Real) in Avintes and in Soalhães.

- D. Maria Aires, D. Sancho I's mistress, who left the monks the church at Silvares and other estates. She was laid to rest here in the monastery.

- the Holy Queen Mafalda who donated the lands at Foz and had numerous properties in Santo Tirso.

- The Fountain: The fountain sits atop a base of two steps in the middle of the cloister. The tank consists of a framed cross. On the pillar are two goblets superimposed on each other, the latter having a greater diameter than the other. They are abundantly decorated.

On the tank's surface are two tablets with two different dates; 1861 and 1846. The first is the date which marks the time of the fountain's restoration and the second date, its construction.

In 1862, the fountain left the cloister for the town of Palmeira. And in 1893, in its place a mausoleum to Count

S. Bento was erected. In the second quarter of this century, the tomb of the count was moved to the municipal cemetery in Moutinho. The fountain could now return from Palmeira and was once again placed in the middle of the cloister.

7. The White Door:

- The Facade: The door is Baroque architecture, dense and turgid. The columns are placed upon high plinths. The entablature is voluminous and protruding. The Benedictine monk's coat of arms is engraved on granite tablets where as if undisciplined, it twists and bends. Great volutes compete side by side with the columns for the interior flank.

The upper storey is also Baroque but much more contained. The masses and volumes created are now substituted for emptiness. The window tympanums restrict the surface which is really the bay of the arch in the window opening. Here, rather than volume and density, delicate, subtle lines and contour predominate; in all, a sensation of weightlessness contrasting with the ground floor (overwhelmingly arrogant and obsessively heavy).

- The Courtyard: It is in an area just west of the church. There is a large stone cross here, set in the middle as if dominating the space around it. At its base is a pedestal five steps high, rimmed on the edges except for the first step. The cross's plinth is framed with tablets. Essentially it is a plain, smooth column except for the bottom third (1/3) of the cross which is decorated with geometric shapes (diamonds and ovals). The column is topped by a capital where over it rests the cross.

The whole structure is made of granite but at the end of the 18th century an abbot of the monastery ordered it painted a rose coloured shade which made it appear as if of marble instead. He also ordered the same for the sculptures on the church facade!

Part II – The Monastery

1. A Bit of History....

1.1. From the very beginning, the monastic residency had its costs. Expenses fell upon the community, sometimes for repairs and alterations on the existing buildings, other times for services rendered.

The monastery suffered great deterioration towards the end of the 14th century. The abbot D. Vicente Rodrigues and his convent, during the crisis of 1385, took sides with Mestre de Avis. The monastery was occupied by military forces and the monks took up refuge in Oporto. Only after those troops loyal to Mestre de Avis drove out the occupants of the monastery did the Benedictine friars re-enter Santo Tirso. History tells us they had returned by October 1385.

During the 16th, 17th, and 18th centuries, a great amount of repair work was done and little by little the convent grew and extended progressively along three complete cloisters and one incomplete one. This was what the convent of Santo Tirso was like when the monks abandoned it definitively on March 26th of the year 1384.

1.2. In 1839 and 1842, the monastery was sold to commendatory José Pinto Soares, a brother-in-law to the minister Passos Manuel. The residency was not completely put up for public auction. It was firstly divided into three parts:

1) one part (the church, the first cloister and the abbot's residence as well as the aisle at the top of the stairs which leads to the cloister) was reserved for the parish seat.

2) a second part (the guest houses which delimits the courtyard today - Largo Abade Pedrosa - on the south end) was reserved for public offices such as bureau, administration, courthouses and town hall.

3) the third part (the second courtyard and the third cloister and all of its galleries, the room above the white door, the corridor that runs parallel to the guest houses, the Red door and its passageway, and lastly the monumental staircase that

leads from an antechamber when entering the Red Door) was set aside (and therefore separated for transfer) for public auction.

It was precisely this last part (3rd) that in 1842 Commentator Pinto Soares, through less lawful means bought this area of the monastery when it was up for public auction.

1.3. In the meantime, the room above the White Door, with balconies facing the courtyard were left for the parish-priest's residence. This was acquired when the land deed was signed on February 21, 1894 by José Luis de Andrade, heir and executor of the last will and testament of Count S. Bento who had, in 1882 bought the estate from José Pinto Soares's heirs.

2. Description

2.1. We enter the convent's residence through what's called the Red Door (18th century). The rippled contours/indentations delimit surfaces more than create volume and mass. It's capricious profiles evoke a special sense of depth.

Contrary to the Red Door is the White Door, almost contiguous to it and at a right angle of it. Alleviated of volume and of an overload of elements annexed, the red door seems to have an even greater sense of weightlessness in the empty convex moulding inscribed on the pediment.

2.2. The monastery's entrance is through the Red Door which to the visitor is on the left. as we enter we see an antechamber that leads to an ample staircase. From 1882 to 1894 when this part of the monastery was privately owned, a wall was erected enclosing it from the outside through the porch of the White Door.

After the first flight of stairs is a landing with a 17th century fountain. Frei Leão de S. Tomás portrayed it in 1651. It is called the Pelican Fountain (Fonte do Pelicano). It has a semi-circular tank sectioned on the surface as if made of flower petals and is serpentine in profile.

Above the fountain's cup (decorated with acanthus foliage) rests a pelican, water sprouting from its breast. Holding the cup is a fantastic hybrid figure, a Triton with two diverging tails.

2.3. Down the stairs and returning outside, the visitor should walk through the street towards the east. Ahead, in the middle of the building, through a narrow passageway, is a flight of stairs leading to the heart of the second cloister.

In the 15th century (1437), the surrounding buildings served as the monks' dormitory. It was ruined as was the library. Half way through the 17th century the whole perimeter of the cloister was reconstructed. The west and the south aisles were done between 1590 and 1650, only the adjacent aisles are in their original state but without the galleries there once existed. The eastern part was under construction in 1650. The north aisle (it too is without its galleries) is the oldest and may precede the time when abbots at the monastery ruled for periods of three years. But it too was rebuilt from scratch between 1767 to 1773 in Baroque architecture. It was made into the convent's library, housing in the basement of it the wax factory and the monastery's notary offices (registry).

The second cloister, with a continuous gallery, was ready by 1658. Right after (in 1659) the construction of the last and current monastic church was started.

2.3.1. Continuing in this area, on the north aisle, is the library. The design is by Frei José de Santo António Ferreira Vilaça. Construction started from 1767 to 1770 and terminated from 1770 to 1773. On the ground floor, at the time the monks were there, the interior space served as the wax factory and registry. Today it's the Agricultural School's (Escola Agrícola) canteen. It has a might vault with downcast arches, divided by three spaces between the roof trusses. The whole roof rests on granite pilasters.

On the floor above it are four doors with winding weather-vanes formed by small escutcheon and droplets (Frei José's inspiration for this work came from André Soares). The iron balcony windows are supported on consoles of Renaissance architecture, traditionally "Minhota" (typical of the Minho region of northern Portugal).

The front door (entrance) of the monastery (we get here through a long corridor on the first floor) exhibits pronounced formalistic, baroque lintel and border. Here too we can see André Soares's influence on Frei José's carvings.

On the inside, a pseudo vault, made of chestnut wood with a single border, dominates. It is almost completely stripped of its decorative detail. Today it is the Agricultural School's study hall.

2.3.2. On the opposite side, to the south is the Sala do Capítulo (the Chapter's chambers). It was designed by Frei José de Santo António Ferreira Vilaça and was built from 1780 to 1783. Contrasting with the library's architecture, here we see the friar's tendency for linearity and neo-classicism. It was decorated immediately after (1783-1786) its construction.

The door: It leads to an exterior staircase up the second floor to a corridor that takes us to the door of the library (4mX2.20m). The fronton, regardless of the complexity of its elements (overlapping and protruding), consists mainly of straight lines. The massive wooden doors are by Frei José.

The double windows are simply framed and decorated. The borders around the windows are less rippled and the surface more shallow than the symmetrical doors of the library.

On the inside are paintings and painted tiles depicting the life of Jesus. The original retable (altarpiece) with a painting of St. Joseph disappeared. On the windows are paintings of the Visitation, of St. John the Baptist, of St. Ann and of St. Joaquim. Above the doorway is one of St. Joseph's

death. Some see in these paintings the talent of Teixeira Barreto.

But most certainly, the most interesting aspect of the room are the rows of chairs linked together and built into the tile tiled wall (forming the backs of the them). The ceramic tiles were made in Lisbon in 1782. Eight of them tell stories and represent scenes of St. Joseph's life. Two panels are full of symbolism and legendary. They portray the patriot saint

2.4. In the centre of the cloister is a tank and water fountain. It already existed in 1651. The tank itself is set on an octagonal base one step high. The water fountain is composed of two parts. One is a simple, plain pillar and on it a goblet decorated with plant and flower motifs. Two dolphins, held by their tails are suspended above it on each side.

2.5. Next to this cloister, towards the south, is a gallery. It is what remains of an entire cloister which was destroyed from the time the friars left the monastery in 1834 until the end of the 19th century. Part of this third cloister was taken and mounted on the building of the primary school Count S. Bento ordered built. Also, two columns form part of the residence of the Pinheiro Guimarães family in Parque (park) D. Maria II.

2.6. Returning to the courtyard (Largo Abade Pedrosa), in front of the church, the visitor can contemplate a great wing, palace-like. It was, not as it is believed, the Coristado but rather the convent's guest house, reserved for high-ranking or important people staying at the monastery. It appears to have been built between 1737 and 1740. Today, on the upper floor is the museum (Museu Abade Pedrosa). On the side facing the courtyard is a continuum of doors from the first floor with a corresponding window on the ground floor, linked by a serpentine-bordered panel. The top floor windows are richer and more elaborately worked than those on the ground floor. They have slit frontons, delimited on the inside and on the outside by counter-curved lines.

The top of the western part of the building is of great

decorative beauty. The accentuated fronton raises itself up high by repeated volutes, giving way to a monumental coat of arms of the Order of St. Bento (made of granite stone from the 18th century). In proportion to the coat of arms is a trefoil window. The bays of the arches, imaginatively decorated, unite at the frames. In place of the plain wooden door which exists today, and symmetrical with these windows was once another trefoil window, stupidly removed between December of 1841 and January of 1842 by request of the district judge Tomás de Aquino Martins da Cruz.

2.7 The courtyard fountains: Land from the Quinta de Fora allowed for the development of the gardens Jardims Ribeiro de Miranda and access to the metal bridge and the Fountain of Puppies (Fonte dos Cãezinhos) as the populace have called this fountain since the beginning of this century. It was moved a few hundred meters northward in 1929.

On a semi-circular base rests the entrance gate to the Quinta de Fora. On each side of it is a fountain with arched, rectangular tanks. The style of these fountains is a transition from rocaille to neo-classicism. They date from Abbot D. Manuel's rule at the monastery (1789-1792). On the shoulders of the two tubs are motifs from the Order of St. Bento. On the tank on the left, sits an eagle, rising above a castle. From the eagle's beak sprouts water. The tank on the right has instead a lion on a mitre, clawing a staff. It is from the animal's fauces that water sprouts here. It should be noted that it is this lion (depicted this way), traditionally Benedictine, which gave origin to the coat of arms of the city of Santo Tirso.

And from within the order of St. Bento evoked the origins of the Portuguese Congregation (Congregação Portuguesa) launched here by monks coming from Leon in Spain, affiliating Santo Tirso with the great Spanish city.